

## A GUERRA INTERIOR (1743) DE MATIAS DE ANDRADE. DA “MISSÃO DE INTERIOR” À DIRECÇÃO ESPIRITUAL

ZULMIRA C. SANTOS

UNIVERSITÉ DE PORTO - CITCEM

zcoelho@letras.up.pt

**RESUMO:** Este artigo pretende estudar a(s) forma(s) como o texto do Pe Matias de Andrade, O.C., *A Guerra Interior*, se enquadra na moldura da tratadística espiritual do Oratório português, sobretudo depois da contribuição dada pelas obras do Pe Manuel Bernardes, O.C., dando especial relevo às questões relacionadas com a direcção espiritual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Congregação do Oratório, Direcção espiritual, Oração mental.

**ABSTRACT:** This article aims to study the form(s) as the text of Father Matias de Andrade, O.C., *A Guerra Interior*, fits into the frame of the spiritual treatises of the Portuguese Oratory, especially after the contribution given by the works of Father Manuel Bernardes, O.C., with particular emphasis on issues related to spiritual direction.

**KEY-WORDS:** Congregation of the Oratory, Spiritual direction, Mental prayer.

As reflexões que propomos neste breve estudo muito devem à publicação que, em boa hora, Sara Augusto fez da obra inédita do oratoriano Matias de Andrade [1680-1747] da casa de Freixo de Espada à Cinta, intitulada «A Guerra Interior»<sup>1</sup>, cujo manuscrito se encontra datado de 1743. Matias de Andrade não era, como bem sublinha a autora, um nome desconhecido. Embora Barbosa Machado e Inocêncio da Silva lhe tenham dedicado breves – e nem sempre absolutamente correctas – linhas que, no entanto, traçam o seu percurso essencial, e lhe anotam a produção escrita, édita e inédita, Eugénio dos Santos tinha já, no seu fundamental trabalho sobre a congregação do *Oratório no norte de Portugal*<sup>2</sup>, traçado um perfil muito completo, a partir da informativa «Relação dos Padres e Irmãos que tem florecido em virtudes e letras nesta Congregação do

<sup>1</sup> Manuscrito guardado no Fundo Antigo da Biblioteca Municipal de Viseu, com dedicatória a D. Júlio Francisco de Oliveira, Bispo de Viseu (1741 – 1765), datada de maio de 1743.

<sup>2</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC, 1982.

Oratorio da Villa de Freyxo de Espada à Cinta», um itinerário intelectual que o artigo de Telmo Verdelho sobre a obra «Viva Jesus. Filho instruído pelo melhor pai» (1731) ajudou a completar<sup>3</sup>. Relembramos apenas os marcos essenciais da sua biografia, sintetizando as informações dispensadas pelos estudiosos já citados. Nascido em Castelo Rodrigo, em 24 de Fevereiro de 1680, Matias de Andrade entrou como noviço na Congregação de Freixo de Espada à Cinta, em Maio de 1706, tendo sido ordenado em 1707. Deverá ter começado por ensinar filosofia e teologia especulativa. Regeu Teologia em Braga e em 1730 regressou a Freixo. Eugénio dos Santos chama justamente a atenção para o zelo missionário de Matias de Andrade, nas chamadas «missões de interior», acentuando que era «afeçoadíssimo às obras de S. Bernardo, S.to Agostinho, S. Francisco de Sales e S.ta Teresinha de Jesus» e para a frugalidade com que viveu «desprendido, sendo reduzido e muito pobre o mobiliário do seu quarto. Tudo o que recebia (...) ia distribuindo pelos pobres e era tal a sua prodigalidade que, quando faleceu, seu irmão teve que pôr do seu bolso certa quantia para se poderem cumprir as cláusulas do seu testamento»<sup>4</sup>. Independentemente do tom «hagiografante» que todas estas relações possuíam, fosse qual fosse a ordem ou o instituto religioso visado – não podemos esquecer que todos estes escritos pretendiam coagular a «memória» edificante da congregação<sup>5</sup> -, Matias de Andrade parece, efectivamente, ter-se empenhado na dimensão missionária, não apenas em sentido estrito, pelo que se prende com a intervenção nas muito importantes missões de interior<sup>6</sup>, mas também de um modo mais amplo, através da escrita de obras que pudessem colaborar nesse esforço de «disciplinamento»<sup>7</sup> e controle de consciências que a Reforma Católica vinha empreendendo, desde a segunda metade do século XVI, em tempos e modos diferenciados, como é óbvio. Se pensarmos que o Padre Manuel Bernardes, o mais prolífico autor oratoriano português, escrevia que pretendia «suprir, pelos voos da pena, os

<sup>3</sup> VERDELHO, Telmo – *Matias de Andrade, Viva Jesus filho instruído pelo melhor pai. Um livrinho escrito em Freixo de Espada à Cinta (1731)*. In *Belarmino Afonso, in honorem*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2002, p. 105-117.

<sup>4</sup> SANTOS, Eugénio dos – *A crise de consciência em Portugal no século XVIII: uma tentativa de análise e superação. A obra do P. Matias de Andrade (1680-1747)*. «Revista de História». Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. I (1978), p. 253-254

<sup>5</sup> MICHETTI, Raimondo – *Le raccolte di vite di santi come fonti per la storia degli ordini religiosi d'età moderna*. In *Ordini religiosi, santi e culti tra Europa, Mediterraneo e nuovo mondo (secoli XV-XVII)*. A cura di PELLEGRINO, Bruno. Presentatione di ZARRI, Gabriella. Postfazione di MICHETTI, Raimondo. Congedo Editore, 2009, tomo I, p.27-28.

<sup>6</sup> PALOMO, Federico – *Fazer dos campos escolas excelentes. Os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

<sup>7</sup> Embora o conceito de «disciplina» possa configurar posições historiográficas divergentes, continua a possuir validade hermenéutica, sobretudo na relação com o conceito de «confessionalização». V. o debate resumido por ZARRI, Gabriella – *Storia della direzione spirituale. L'età moderna*. Brescia: Morcelliana, 2009, tomo III, p. 9-11

passos que por meus achaques não posso dar nas Missões, que mandam os estatutos desta minha Congregação»<sup>8</sup>, teremos a dimensão da importância que os discípulos de S. Filipe de Néry, de acordo com os respectivos Estatutos, concediam à actividade missionária. No capítulo denominado «Acção pastoral e pedagógica»<sup>9</sup>, do já referido *O Oratório no Norte de Portugal*, Eugénio dos Santos mostra bem, através de muitos e documentados exemplos, o peso que a Congregação atribuía à missão de interior, na sequência, muitas vezes, de informações veiculadas pelas regulares visitas<sup>10</sup>, feitas a muitas dioceses, que forneciam importantes dados sobre o «estado moral, espiritual, social e até material»<sup>11</sup> das populações.

### Entre a temática da «missão de interior» e a direcção espiritual

Ao estudar a «estrutura alegórica» de a *Guerra Interior*, Sara Augusto adverte que «não é fácil definir de forma exclusiva o género da *Guerra Interior*, uma vez que, assentando numa narrativa simples, onde as personagens e o tratamento do espaço adquirem primazia sobre as restantes categorias, as características definidoras do diálogo e do tratado moral assumem também um papel importante»<sup>12</sup>. De facto, embora a questão do «género», em termos literários, não se revista em textos desta natureza – literatura espiritual de dimensão catequética – de relevo especial, talvez deva dizer-se que o texto de Matias de Andrade, um longo diálogo entre «um soldado e outro companheiro, que se encontra com ele em o caminho e se supõe ser o seu Anjo» não releva, salvo melhor opinião, do universo da ficção narrativa coeva - falta-lhe em diegese o que lhe sobra em tratadística moral e espiritual - mas enfileira, sim, na longuíssima tradição dos tratados em diálogo que debatem uma ou várias questões de natureza filosófica, literária, espiritual ou moral, na revalorização que o Renascimento fez de tal registo discursivo, como forma privilegiada de apresentar um tema, uma questão ou um problema, na medida em que tal estratégia enunciativa permite um «olhar» de variados pontos de vista. É sabido como o diálogo permaneceu, praticamente até finais do século XVIII, como «forma» privilegiada, na tratadística em geral,

<sup>8</sup> BERNARDES, P: Manuel – *Luz e Calor*. In *Obras do Padre Manuel Bernardes*. Porto: Lello, s/d., vol. II, «Ao Leitor Benévolo».

<sup>9</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit., p. 221-326.

<sup>10</sup> CARVALHO, Joaquim Ramos de; PAIVA, José Pedro – *Visitações*. In *Dicionário de História Religiosa*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica – Círculo de Leitores, 2001, vol. 4, p. 365-370.

<sup>11</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit., p. 259.

<sup>12</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade (1743)*. Estudo e edição de AUGUSTO, Sara. Prefácio de ANACLETO, Marta Teixeira. Viseu: Quartzó Editora – Centro de Literatura Portuguesa, 2012, «Estudo introdutório», p. 35.

para divulgação de correntes de espiritualidade, de normas de civilidade<sup>13</sup>, de princípios e práticas científicas, enquadrado por uma teorização que o reclamava para contextos mais prestigiados que os da ficção narrativa, embora partilhando com esta os comuns objectivos da utilidade e do deleite. Porém, de um modo geral, os tratados em diálogo, mesmo quando se aproximavam da ficção nos títulos, estratégia que, seguramente, pretendia captar a atenção do eventual leitor – e o contrário também acontecia –, distanciavam-se desta pela opção por temáticas não amorosas, no sentido da relação entre um par de protagonistas, enquadrado por um contexto diegético de «aventuras» e não, naturalmente, no debate sobre o «amor», objecto também de uma ampla tratadística. De resto, a ficção narrativa alegórica de cariz espiritual percorre bastante sistematicamente os caminhos da versão «ao divino», de larga tradição, usando o vocabulário poético do «amor profano» para cantar louvores a Cristo ou mesmo à Virgem Maria. Em todo o caso, as fronteiras entre a ficção narrativa e a tratadística em diálogo estão muitas vezes esbatidas, originando formas compósitas, na medida em que este último registo discursivo implicava também a caracterização de personagens, de molde a que as respectivas intervenções – no respeito pelo «decorum» - fossem adequadas à origem social, à formação intelectual, ao perfil traçado pelo autor no início da obra. O próprio Matias de Andrade qualifica a sua obra como «opúsculo», dispensando a parafernália argumentativa que usualmente sustenta a legitimidade da ficção narrativa e a que todos os autores recorrem como justificação em dedicatórias ou prólogos<sup>14</sup>. Verdadeiramente, apresentando-se, nas palavras do autor como um «opúsculo», uma «obra» ou «obrazinha» sobre a «guerra interior»<sup>15</sup>, vocacionada para o «proveito espiritual para o próximo»<sup>16</sup>, o texto enfileira, até mesmo simbolicamente, no tipo de produção do Padre Manuel Bernardes, inspirada, seguramente, por escritos do tipo do *Pão Partido em Pequenininos* (1697) - «Diálogo entre um religioso e um secular» - ou na tradução e nas anotações que o mesmo oratoriano fez ao *Paraíso de Contemplativos*<sup>17</sup> de Frei Bartolomeu Saluzzo, sobre o diálogo da

<sup>13</sup> «Indagare sulla storia dei concetti di discrizione e disimulazione nell'età moderna significa dunque muoversi su un crinale che separa, ma al tempo stesso congiunge, letteratura spirituale e letteratura comportamentale, coscienza e libertà, dottrina e disciplina». ZARRI, Gabriella – «Introduzione». In *Storia della direzione spirituale. L'età moderna*. Ob. cit., p. 7.

<sup>14</sup> V. no contexto de uma ampla bibliografia, SANTOS, Zulmira C.; NEMÉSIO, Inês – *O centro e as margens: paratextos e ficção em prosa em Portugal no século XVII. Contributos para um percurso de investigação*. «Estudios Portugueses. Revista de Filologia Portuguesa». Salamanca: Universidad de Salamanca (no prelo).

<sup>15</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 49.

<sup>16</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 50.

<sup>17</sup> SALUZZO, P.<sup>o</sup> Bartolomeu – *Paraíso de contemplativos. Opúsculo devotíssimo e utilíssimo para as almas que aspiram à perfeição espiritual e vida contemplativa. Composto pelo V. Padre Frei Bartolomeu de Salúcio. Religioso da Seráfica Família dos Observantes reformados. Traduzido do italiano e ilustrado com anotações pelo Padre Manuel Bernardes, Da congregação do Oratório da cidade de Lisboa*. Lisboa: na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1761.

alma com o seu anjo, prosseguindo um dos principais caminhos da literatura espiritual de Seiscentos, ao propor, através de uma espécie de «artes de vida», contemporâneas da fortuna das «artes de morrer», modelos de perfeição espiritual e de comportamento devoto.

Ao estudar as missões de interior, no contexto da acção da congregação do Oratório no norte de Portugal, Eugénio dos Santos chama acertadamente a atenção para o relevo que para os discípulos de S. Filipe de Néry tinha a «missãoação pelo interior do país como tarefa prioritária, tendente a contribuir decisivamente para a salvação do próximo»<sup>18</sup>, convocando passagens dos Estatutos bem claras face a tal determinação: «He grande a necessidade que o Reyno tem de Missionarios, pela crassa ignorância que geralmente há dos mysterios da Fé, confissões nullas de muytos annos por negligência, ou por pejo, com notável perda das almas por este respeyto e grande descuydo da salvação em que se vive, por falta de Despertadores, como tudo nos consta já por experiência»<sup>19</sup>. O mesmo autor relembra, no mesmo contexto, o início da actividade missionária de Bartolomeu do Quental e seus companheiros no patriarcado de Lisboa, estudando, depois, o zelo missionário dos congregados pelo país e mostrando como a fundação da Casa de Viseu se deveu «às missões feitas na cidade por um dos congregados de Freixo, o Padre José de Caldas, que viria a ser o motor dessa nova congregação»<sup>20</sup> e como a casa de Freixo se lançara «definitivamente na missãoação, precisamente com a entrada e talento do Padre Caldas», concedendo a esta actividade um peso tão marcante que, quando se falou do encerramento da Casa, foi invocada «a sua utilidade missionária para que tal não ocorresse». Eugénio dos Santos anota ainda que «os três maiores missionários setecentistas da casa de Freixo de Espada à Cinta foram, sem dúvida, Matias de Andrade [...], Manuel Carneiro [...] e António Geraldês [...]»<sup>21</sup>. E é justamente neste contexto que o mesmo autor chama a atenção para a estratégia e temática das missões, estudando a «táctica guerreira» e a «linguagem de foro militar».

É muito provável que o Padre Matias de Andrade, seguramente habituado a recorrer a esta «linguagem de foro militar», na pregação em contexto de missão de interior, manejasse com bastante destreza um inventário vocabular e um conjunto de recursos retóricos que permitiam dispor este material, quase tópico, de formas, em registos discursivos variados. No caso particular do texto da «Guerra Interior», o texto parece relevar do modelo da direcção espiritual,

<sup>18</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit., «Acção pastoral e pedagógica», p. 247.

<sup>19</sup> DIAS, José Sebastião da Silva – *A Congregação do Oratório de Lisboa. Regulamentos Primitivos*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade, 1966, nº 15.

<sup>20</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit., p. 250

<sup>21</sup> SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit., p. 255.

no contexto da relação directa entre o «director» - o Companheiro (Anjo) – e o dirigido – o Soldado – que de muitos modos determina o paradigma de comparação escolhido. A alguém que conhece bem os mecanismos e a forma da guerra «exterior» será bem mais fácil, verosimilhança obriga, perceber as estratégias da «guerra interior».

### Oração mental e direcção espiritual

Apesar desta muito aparente indefinição de fronteiras, a *Guerra Interior* de Matias de Andrade parece enquadrar-se e depender em termos formais e temáticos da tratadística em diálogo, que de muitos modos procura mimetizar a direcção espiritual, recriando práticas, de natureza modelar, em que o director procura «modelizar» o comportamento religioso e espiritual do «dirigido», recorrendo a um conjunto de estratégias que permitam fazer perceber, com clareza, uma pauta comportamental moral, espiritual e religiosa, contribuindo para a interiorização dos paradigmas propostos. Nesta espécie de ligação comunicativa entre a «amizade» e a «conversação» que em muito enforma e informa as técnicas de direcção espiritual em voga nos séculos XVII-XVIII, na esteira e na inspiração de modelos de matriz salesiana, que o Oratório português muito apreciou<sup>22</sup>, sublinha-se a ideia, comum a todos os textos que visam a direcção espiritual, de que para obter uma direcção espiritual correcta é absolutamente necessário que o director seja alguém claramente especializado, de modo a que não se corram riscos em questões tão controversas quanto, por exemplo, o exercício da oração mental: «Por cuja causa disse ao seu Companheiro: não há dúvida que estes segredos do espírito são muito recônditos e intrincados, e que [62v] ainda aquilo mesmo que a alma experimenta dentro de si, o ignora, pelo que é preciso que tenha director prudente, com quem o consulte, sob pena de se expor a muitos erros e enganos»<sup>23</sup>. Basta olhar para o índice da «Guerra Interior» para verificar

<sup>22</sup> Como é sabido – e está neste momento em fase de conclusão uma tese de doutoramento sobre a presença de S. Francisco de Sales, na Península Ibérica –, o bispo de Genebra foi uma das grandes referências do Oratório português, desde o início e durante todo o século XVIII, bastando para tal pensar nas múltiplas referências feitas no final de Seiscentos pelo P. Manuel Bernardes e na segunda metade de Setecentos, por exemplo, por Teodoro de Almeida [1722-1804]. Por outro lado, as «Vidas» de S. Francisco de Sales, editadas em Portugal, ao longo do século XVIII, constituem também um significativo testemunho da importância que, ao nível espiritual e religioso, o bispo de Genebra foi alcançando no reino português (V., a título de exemplo, JOAQUIM, P.º António – *Vida de S. Francisco de Sales, Bispo e Príncipe de Genebra, Patriarcha da Ordem da Visitação de Sancta Maria*. Lisboa: por Francisco Luís Ameno, 1791, 2 tomos). Ao longo da *Guerra Interior* são várias as alusões directas, de que citamos apenas um exemplo, justamente no contexto da questão da oração mental: «Mas, mais claramente que todos, nos asseverou e explicou esta verdade aquele grande místico do século passado, São Francisco de Sales, no seu livro de ouro, *Prática do amor de Deus*. Traduzirei aqui fielmente as suas palavras, porque por suas trazem consigo a maior veracidade e energia.» (*A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 175).

<sup>23</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 177. V. também BERNARDES, P.º Manuel

que entre os capítulos 23º e 30º o tema é a oração mental: Capítulo 23º: «Declara o Companheiro ao soldado as circunstâncias que concorreram naquela visita do Templo. Explica-lhe que cousa é oração mental, e a necessidade que dela tem para alcançar a perfeição»<sup>24</sup>. O Capítulo 24º alerta para a definição da «oração que chamam de Contemplação»: «Mostra o Companheiro ao Soldado que para a oração concorrem as três potências da alma, e que se exercitam nela quasi todas as virtudes. E qual a oração que chamam de contemplação»<sup>25</sup>, acentuando que «Para a oração mental, como obra da parte superior da alma concorrem principalmente as três potências da mesma alma: memória, entendimento e vontade»<sup>26</sup>, concedendo, depois, muita atenção à oração de quiete, procurando, em questão ao tempo ainda espinhosa, definir com rigor, sobretudo o papel da «Vontade»:

*De maneira que, para a contemplação, concorre o entendimento com o simples, quieto e suspenso intuito do objecto divino, mas, pelo mesmo caso que este intuito é simples e não discursivo, fica a parte afectiva mais desembaraçada e (digamo-lo assim) mais senhora do campo para poder amar e gozar mais a seu gosto o mesmo divino objecto e, por isso, parece ter a vontade tanta parte nesta acto que é quasi todo seu: contemplatio est ipsa dulcedo. Pelo menos não pode negar-se que a contemplação se não pode chamar perfeita e consumada enquanto só se conhece a verdade sobrenatural com a luz do entendimento, senão quando se ama ardentemente com a vontade, como diz o anjo das escolas, Santo Tomás: haec est ultima perfetio contemplativae vitae, diz ele, scilicet, ut non solum ipsa veritas videatur, sed etiam ut ametur*<sup>27</sup>.

Não seria preciso citar os títulos dos restantes capítulos – do 25º «Satisfaz o Companheiro ã grande dúvida que excitou o soldado e mostra que na contemplação, por alta que seja, não se suspendem totalmente as operações das potências da alma»<sup>28</sup> ou do Capítulo 28º «Recomenda o Companheiro ao Soldado que persevere no exercício da oração e dá-lhe avisos de como se há-de haver, quando nela experimentar distracções, securas e tédios»<sup>29</sup> – para que ficasse bem claro o peso da oração mental, da necessidade da sua prática, mas, essencialmente das cautelas, cuidados e reservas a observar, sobretudo na

---

– *Luz e Calor*. In ob. cit., p. 12: «Escolherei a matéria, que proponho, consultando-a primeiro com Deus na Oração e com o meu Director espiritual, ou alguma outra pessoa prudente na ciência da salvação».

<sup>24</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit, p. 157-160.

<sup>25</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 161-165.

<sup>26</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit, p. 161.

<sup>27</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit, p. 164.

<sup>28</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit. p. 167.

<sup>29</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit, p. 185

controversa «oração de quiete».

É conhecida a importância da oração mental no seio da congregação do Oratório, plasmada na letra dos já citados Estatutos. Para não repetir a bibliografia sobre o assunto<sup>30</sup>, recordem-se as palavras iniciais desta legislação que consignam os objectivos e intencionalidades da ordem: «Entendão os que entrarem nesta congregação que para dous fins entram nella; para a reforma de suas pessoas, aspirando a mayor perfeição, e para tratarem com todo o cuydado da salvação, e aproveitamento espiritual de seus próximos, movendo com o exemplo de sua vida e efficacia de sua doutrina os peccadores à converção, e os convertidos à perfeição e vida espiritual»<sup>31</sup>, frisando, na letra do n.º 1, o peso da oração mental: «Começando pella Oração mental, como fundamento de toda a reforma, e perfeição da vida espiritual, terão os nossos Congregados pella manhã huma hora de Oração [...]. Terão à tarde mays meya hora da mesma oração [...] [Darão] os nossos Congregados o mays tempo livre de suas ocupações à prática deste sancto exercício, e doa mays espirituais, como homens que hão de ter por officio inculcalos, e ensinalos aos outros»<sup>32</sup>. Cerne da espiritualidade oratoriana<sup>33</sup>, a oração mental está presente na produção escrita dos nérís portugueses, com especial relevo para os Padres Bartolomeu do Quental e Manuel Bernardes. Na edição dos *Exercícios Espirituais e Meditações da Via Purgativa*, as palavras dirigidas ao «Pio Leitor» evidenciam a divulgação da prática deste tipo de oração, responsabilizando a congregação por esta actividade:

*O Exercício da Oração Mental, não há muitos anos apenas conhecido, e praticado só de pessoas religiosas, hoje por beneficio de Deus e indústria desta santa congregação, e de outros obreiros do Senhor, se acha tão público, e frequentado dos fiéis, que pode, quando não cessar de todo, ao menos moderar-se aquela queixa do profeta Jeremias, em que se lastimava que os caminhos do Céu*

<sup>30</sup> DIAS, José Sebastião da Silva – *A Congregação do Oratório de Lisboa. Regulamentos Primitivos*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade, 1966; GIRODON, Jean – *Les origines de l’Oratoire de Portugal*. «Bulletin des Études Portugaises». T. 28/29 (1967-1968), p. 145-162; SANTOS, Eugénio dos – *O Oratório no Norte de Portugal*. Ob. cit.; PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. Lisboa: INIC, 1980; SANTOS, Zulmira C. – *Literatura e Espiritualidade na Obra de Teodoro de Almeida*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007; BERGONZINI, Massimo – *Ascética, mística e retórica na Obra do Padre Manuel Bernardes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, 2 vols. Tese de Doutoramento.

<sup>31</sup> DIAS, José Sebastião da Silva – *A Congregação do Oratório de Lisboa. Regulamentos Primitivos*. Ob. cit., p. 28

<sup>32</sup> DIAS, José Sebastião da Silva – *A Congregação do Oratório de Lisboa. Regulamentos Primitivos*. Ob. cit., p. 7.

<sup>33</sup> PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. Ob. cit., esp. p. 48-53.



*estavam desertos, por não haver quem aspirasse à perfeição [...] Ao passo, pois, que foi entrando nos corações a meditação das coisas eternas entrou também, como irmã sua inseparável, a lição de livros espirituais, especialmente daqueles que dão matéria, e fundamento dela; e por conseguinte se descobriu a falta que deles há na nossa língua portuguesa: e esta foi uma das causas que me obrigaram a escrever este*<sup>34</sup>.

Tendo em conta o relevo concedido à «oração mental», no contexto da produção escrita oratoriana, nada haveria a assinalar, desse ponto de vista, no «opúsculo» de Matias Andrade, a não ser a prova da pervivência de uma marca específica da espiritualidade filipina que não ignorava os «perigos», em termos de «excessos» interpretativos, da oração de quiete e que valorizava a esta dimensão. Relembre-se a anotação que acompanha o título *Exercícios Espirituais e Meditações da via Purgativa*<sup>35</sup> de Manuel Bernardes: «com uma instrução breve de modo prático com que os principiantes podem exercer a Oração Mental, e resolução de principais dúvidas que nela ocorrem»<sup>36</sup>. Com efeito, a definição pormenorizada, os diferentes tipos de cuidados e cautelas a observar, tão claros e persistentes nos diferentes textos de Manuel Bernardes, e muito especialmente na *Luz e Calor*, persistem nas temáticas seleccionadas por Matias de Andrade, de resto na sequência de uma temática de larga fortuna: as características e acção da «Rainha Vontade», a «Prudência», o combate dos Vícios e das Virtudes e finalmente o «tempo» e o «lugar» da oração mental como percurso privilegiado para alcançar a perfeição. Aliás, a obra de Matias de Andrade parece uma espécie de síntese, sob outro registo discursivo e outra figuração alegórica, da primeira parte da *Luz e Calor*, embora se deva assinalar que as temáticas tratadas percorrem outros textos que também serviram de fontes directas e indirectas ao Padre Manuel Bernardes, e que, portanto, estaremos, em alguns aspectos, também perante leituras comuns. É difícil também resistir à tentação de «ler» no opúsculo de Matias de Andrade, como já foi dito em relação a *Luz e Calor*, relevando, mas não obliterando, as óbvias diferenças cronológicas, uma resposta, nas cautelas a observar na escolha do director espiritual e na definição da oração de quiete, e, muito especialmente, na questão da suspensão das potências da alma – o Capítulo 25º da *Guerra Interior* intitula-se explicitamente «Satisfaz o Companheiro a ãa grande dúvida que excitou o Soldado e mostra que na contemplação, por alta que seja, não se suspendem totalmente as operações das potências da alma»<sup>37</sup> - a memória, ainda que já algo afastada no tempo, do

<sup>34</sup> BERNARDES, P.º Manuel – *Exercícios Espirituais*. In ob. cit., «Ao Pio Leitor», p. 7.

<sup>35</sup> BERNARDES, P.º Manuel – *Exercícios Espirituais e Meditações da Via Purgativa*. In ob. cit.

<sup>36</sup> BERNARDES, P.º Manuel – *Exercícios Espirituais*. In ob. cit.

<sup>37</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 167.

processo do ex-oratoriano António da Fonseca «clérigo e Pregador espiritual [...] se recolheu na congregação de S. Phelipe de Neri de Viseu», também ele um missionário de missões de interior, de Arcângela do Sacramento (1697-1701) e do foco «quietista» de Midões<sup>38</sup>, cuidadosamente estudado por Pedro Tavares.

### Os «lugares» da memória

Tratado espiritual em diálogo, se bem que constituído por longuíssimos monólogos da responsabilidade do Companheiro, verdadeiro director espiritual, a *Guerra Interior* é, do ponto de vista da técnica compositiva, um texto do seu tempo, no sentido do recurso a paradigmas seiscentistas, nesta primeira metade do século XVIII. Preso à visualidade «barroca» pela transposição e refiguração do «olhar», na expressão de Ottavia Nicolini «vedere com gli ochi del cuore»<sup>39</sup>, mobiliza um verdadeiro arsenal de imagens tópicas, visando a ordem e classificação da matéria espiritual, seguindo os esquemas típicos das «artes de memória», na procura de lugares cada vez mais pequenos, na tentativa de catalogar e dispor conceitos, frases, explicações pontuais. É sabido como a oração mental, na sequência da técnica inaciana da «composição do lugar», deixava amplo espaço à imaginação, estando a oração estreitamente ligada à «presença» das imagens, verdadeiramente à «ficção» da descrição de uma imagem real que constitui, porém, um esforço para tornar presente, por exemplo, perante uma espécie de olhar «interno», uma cena da Escritura<sup>40</sup>. O poder das imagens «mentais» e a respectiva capacidade comunicativa, que a produção de matriz jesuíta desenvolveu e divulgou de muitas formas conhecidas, está bem presente no modo como Matias de Andrade equaciona o campo de batalha da *Guerra*

<sup>38</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas – *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2005, essencialmente Capítulos V, VI e VII, pp. 135-268. Sobre Arcângela do Sacramento v. também PAIVA, José Pedro – *Missões, directores de consciência, exercícios espirituais e simulações de santidade: o caso de Arcângela do Sacramento (1697-1701)*. «Gaudela». Nº 1 (Agosto de 2000), p. 4-28.

<sup>39</sup> NICCOLI, Ottavia – *Vedere con gli occhi del cuore. Alle origini del potere delle immagini*, Bari: Laterza, 2011.

<sup>40</sup> Sobre a complexa questão das relações entre a pintura jesuíta e os «Exercícios espirituais», v. BAILEY, Gauvin Alexander – *La contribution des Jésuites à la peinture italienne et son influence en Europe 1540-1773*. In *L'art des Jésuites*. Sous la direction de SALE, Giovanni, S. J.. Éd. franç. Paris: Mengès, 2003, p. 123-146. V. também FABRE, Pierre-Antoine – *Ignace de Loyola. Le lieu de l'image. Le problème de la composition de lieu dans les pratiques spirituelles et artistiques jésuites de la seconde moitié du XVIIe siècle*. Paris: J. Vrin, 1992; IDEM – *Les “Exercices spirituels” sont-ils illustrables?*. In *Les Jésuites à l'âge baroque (1540-1640)*. Sous la direction de GIARD, Luce; VAUCELLES, Louis de. Grenoble: Jérôme Millon, 1996, p. 197-221; IDEM – *Quelques éléments pour une théorie jésuite de la contemplation visuelle*. In *Baroque, vision jésuite*. Catalogue d'exposition (Caen, Musée des beaux-arts, 12 juillet – 13 octobre 2003). Dir. de TAPIÉ, Alain. Paris: Somogy, 2003, p. 27-37.

*Interior*, numa evidente evocação das temáticas do «castillo interior» de matriz teresiana<sup>41</sup>, se bem que retome o património de uma literatura espiritual anterior, traduzindo os movimentos de interiorização inspirados pela *devotio moderna*<sup>42</sup>. Por virtude de um «licor suavíssimo» [...] dilatou-se o coração «em um tão veemente e sobrenatural júbilo, que difundindo-se suavemente aos sentidos externos e internos lhos deixou alienado, sem algum uso, ou exercício, ficando insensível e como morto [...] Logo, sem saber como, nem de que modo, abriu os olhos do espírito e viu o seu Companheiro ao lado direito [...] Estendeu a vista [...] O que via não eram campos, não outeiros, não montes, não vales [...] Pareceu-lhe pois, que viu, mediante ã clarissima luz, um mundo interior abreviado dentro de si mesmo [...]»<sup>43</sup>. A insistência no verbo «ver», quase obsessivamente repetida ao longo do texto, convoca o «poder» das imagens, numa estratégia a que a literatura de espiritualidade seiscentista profusamente recorreu. E é porque o Soldado «vê» duas populosas cidades, numa espécie de «geografia» da alma, que «reside no coração», e que identifica a parte superior, onde reside o espírito, e a parte inferior, tiranizada pelo apetite<sup>44</sup>, que o leitor assiste à «guerra e batalha» entre ambas:

*Basta (disse o soldado) que tenho para ver com os meus olhos próprios esta guerra e batalha? Certo que me não podieis prometer espectáculo de maior gosto, e que cuido me não será de menos proveito, porque [18v] com o que vir creio ficarei bastantemente instruído para aprender a batalhar nesta gloriosa guerra, de cuja vitória pende, como me tendes dito, a minha felecidade eterna [...]. O que viu e admirou o nosso Soldado dirá o seguinte capítulo<sup>45</sup>.*

A escolha de um soldado, como «dirigido», confere consistência argumentativa ao texto e inscreve-o na larga tradição da temática das «guerras» das paixões.

## Missão de interior e direção espiritual

Não surpreenderia que a vocação e a experiência missionária de Matias de

<sup>41</sup> «O que sobretudo a fazia inexpugnável a todo o poder creado era um castelo.» (*A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 67-68).

<sup>42</sup> VANNINI, Marco – *La discretio spirituum tra Gerson e la Devotio Moderna*. In *Storia della direzione spirituale. L'età moderna*. Ob. cit., p. 57-83.

<sup>43</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 67.

<sup>44</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 73.

<sup>45</sup> *A Guerra Interior de Matias de Andrade* (1743). Ed. cit., p. 81.

Andrade se espelhassem nestes símiles de fácil identificação e que este opúsculo resultasse de uma reconstituição fragmentária de temas disseminados pelos sermões, conferindo ao texto uma outra funcionalidade no domínio da direcção espiritual. A insistência na temática da oração mental e nas cautelas e reservas a observar na oração de quiete, evitando os «excessos» e fugindo das erróneas interpretações em âmbito «molinosista», revelam, por um lado, a insistência na clarificação de uma temática facilmente sujeita a deficientes entendimentos e, por outro, o investimento numa «gramática» de domínio das paixões que coagulou num muito amplo conjunto de textos de larguíssima pervivência. Um confrade de Matias de Andrade, da congregação do Oratório de Lisboa, o Padre Teodoro de Almeida [1722-1804], publicará, mais tarde, em 1779, num ambiente politicamente diverso, uma obra que qualificará de «poema em prosa», afastando as conotações que acreditava menos prestigiantes da palavra «novela», uma obra cujo título se anunciava como um verdadeiro programa de «Felicidade», *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer trabalhos da vida*<sup>46</sup>. No entanto, apesar de uma temática aparentemente semelhante, o texto de Teodoro de Almeida não possui, até pela natureza «diegética», o cariz de tratado de direcção espiritual que a obra de Matias Andrade claramente assume, na linha de muitos dos textos do Padre Manuel Bernardes que muitas vezes parece seguir e resumir, até no domínio das fontes, viabilizando um caminho que possa conduzir com segurança à oração mental, mesmo na dimensão da oração de quiete. Mais do que um texto sobre o domínio das paixões, ou da guerra interior, o texto de Matias de Andrade prolonga e sintetiza as temáticas que Manuel Bernardes disseminou num conjunto de obras que o tornam um autor fundamental no modo como «compendiou» uma muito ampla temática espiritual que ao longo de Setecentos conhecerá caminhos mais diversos e complexos.

---

<sup>46</sup> ALMEIDA, P.º Teodoro de – *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer trabalhos da vida*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1779.